

POÉTICAS DA CIDADE: NOTAS DE PESQUISA

POETICS OF THE CITY: RESEARCH NOTES

POÉTICA DE LA CIUDAD: NOTAS DE UNA INVESTIGACIÓN

Cristiane Guimarães¹

Resumo: O texto reúne nuances sobre a cidade, suas grafias, encantamentos e silêncios. É composto por notas de pesquisa da autora e narram como a cidade figurou nos movimentos e práticas de leitura e escrita em escola pública.

Palavras-chave: Cidade; memória; afeto.

Abstract: The text brings together nuances about the city, its spellings, enchantments and silences. It comprises the author's research notes and narrates how the city figured in movements and reading and writing practices in public schools.

Keywords: City; memory; affection.

Resumen: El texto reúne matices sobre la ciudad, su grafía, encantamientos y silencios. Comprende las notas de investigación del autor y narra cómo la ciudad figuraba en los movimientos y prácticas de lectura y escritura en las escuelas públicas.

Palabras clave: Ciudad; memoria; afecto.

Nota Inicial²

A cidade sempre foi uma figura para mim: podemos, assim, com-figurar a cidade. Viver com ela. A cidade-imagem. Seus becos, suas cores, cheiros, fábrica de fantasmas. A cidade, na minha análise, não nos controla, ela nos habita, assim como habitamos a cidade. A cidade e suas imagens. A cidade e suas paisagens. Paisagens são imagens-pensamento.
Wladimir Garcia, Cidade pós-metrópole, p. 153

Cidadanias possíveis. Como escrevemos e nos inscrevemos na cidade? Como a cidade pode nos ajudar a escrever nossas histórias e vidas? Como se expressam nas composições da leitura e da escrita de vida. Ler e escrever a cidade e na cidade. Ler a cidade que me configura (GARCIA, 2009), mas que não mora mais em mim, como canta o poeta.

Em minha vida, a cidade: movimentos, fluxos, refluxos, intensidades. Junto com o riscado da vida, o movimento nas novas cidades físicas que ampliaram meu mapa e as cidades outras

¹ Rede Municipal de Educação de Florianópolis/Universidade Federal de Santa Catarina.

² Este texto reúne notas da pesquisa de doutorado *Poéticas da vida na escola: um inventário de memórias e afetos*, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, com orientação do Prof. Leandro Belinaso. Alguns fragmentos autorais dos estudantes de escola pública, do Sul da Ilha de Santa Catarina, aparecem borrados pelo fruto da amoreira, um biografema da pesquisa que sugere o quanto os estudantes, seus textos e imagens, borraram minha biografia nos anos de docência. Muitos movimentos de leitura e escrita foram compartilhados com outras professoras e professores com quem convivi e aprendi no cotidiano escolar a lutar pela escola e pelo mundo que sonhamos. Aqui expresso meu agradecimento.

que transformavam meus afetos e vivências. Afetos que mais tarde reluziriam na sala de aula. E de repente me vi compartilhando cidades e sonhos. Compondo cidadanias que, mais tarde, já na fase dos estudos de doutorado, entendi a cidade como uma das figuras poéticas de meu caminho: a cidade encantamento e a cidade espanto, como entende Garcia (2009).

E algumas indagações tomaram forma. Como as imagens da cidade passeiam ou habitam os cotidianos escolares e habitam em nós mesmos? Quais olhares lançamos às cidades nos processos formativos que vivemos? O que nós, professores, seja na educação básica, seja nos demais níveis de estudos e pesquisas, conseguimos ver, sentir, ler, escutar a partir do que a cidade nos fala? A cidade e suas nuances. A cidade e suas curvas. A cidade e suas imagens e silêncios. A cidade e seus guetos e gentes em encontros e desencontros. Arquitetura, sons, camadas de memórias impressas nas diferentes linguagens que se exibem nas cidades e seus ensinamentos.

Quando nos propomos a refletir sobre a relação entre as imagens e a cidade, logo nos lançamos a pensar tal relação no contemporâneo. Contemporâneo que se atualiza em cotidianos atravessados de virtualidades e materialidades: excessos, dispositivos, vozes, palavras, deslocamentos urbanos e virtuais. Que ora se repelem, ora se interconectam ou se afastam, compondo nossas subjetividades e nosso modo de ler o mundo diariamente.

Há muitas relações entre as imagens propagadas pelos diferentes artefatos da cultura e a cidade que construímos, enxergamos e sentimos.

Na escola e na pesquisa, com um compromisso radical de ler e escrever a cidade e com a cidade, tentamos cumprir uma tarefa singular: de promover modos de ler e escrever o mundo de formas alternativas à monocultura de sentidos que imperou por muitos anos nas grandes mídias acessadas pela maioria da população, homogeneizando olhares e formas de viver. Modos que hoje se desmancham, com a multiplicidade de canais, plataformas, artefatos plurais. Olhar de modo mais atento ao cotidiano, suas belezas e silêncios. Apenas ler a cidade, verbo aqui trazido com sentido dinâmico, pulsante em relação à vida: o que me afeta, o que sinto, quais relações estabeleço ao caminhar na cidade e a escutar.

Tal relação entre a cidade e suas imagens, as leituras e escritas que ela mobiliza em nós, professores e pesquisadores, é que venho tentar contar a partir deste processo de pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Educação, na Universidade Federal de Santa Catarina. Especificamente falo de como tal relação vem habitando minhas aulas de língua portuguesa na educação básica e como tal relação me lança a todo tempo a um terreno de possibilidades formativas, relações, pesquisa, novos gestos de leitura e escrita.

Assim, o texto compartilha notas sobre o processo de pesquisa-inventário, explorando imagens e narrativas presentes nos arquivos, também recriados no processo de respirar e reinventar, de outras formas, as palavras e o que nelas dormem em contato afetoso com o mundo, com a cidade. Acariciar a cidade. Ouvi-la. A ela se entregar. Com ela aprender, chorar, amar. Re-parando as imagens e cenas narradas que figuraram outrora no meu arquivo e reluzem como partilha de um vivido.

Nota 2: Entre imagens e palavras

*Manhã chegando
Luzes morrendo, nesse espelho
Que é nossa cidade (...)
Caetano Veloso, Lua e Estrela³*

³ LUA e estrela. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor V. Cantuária. In: OUTRAS palavras. Intérprete: Caetano Veloso. Phillips, 1998. 1 LP, faixa 04.

As linguagens artísticas compõem e recompõem, a todo momento, as imagens das cidades. Aqui as artes da palavra são consideradas em primazia por se tratar a escola um *espaçotempo*⁴ de estímulo e exercício da cultura escrita, compondo gestos outros com a intensidade da oralidade e linguagens em suas diferentes formas de manifestação na cultura humana e nos campos sociais de interação (BAKHTIN, 1997).



Figura 1: Incomunicáveis – Fonte: Arquivo pessoal/ Fotografia autoral

Lemos imagens da cidade em contos, poemas, canções. Lemos as imagens da cidade em diferentes literaturas. O que dizer das belas crônicas e contos de Clarice Lispector (1999) a passear pelas cidades recolhendo seus espantos. Um dos espantos que mais amo é quando a narradora encontra ratos em seu passeio em Copacabana: há ratos que falam também de amor. Há passeios das narradoras nas cidades de Recife e do Rio de Janeiro. Há banhos de mar na madrugada. Meninas roubando rosas e pitangas. Meninas-mulheres lendo a cidade nos livros e os livros nas cidades. Macabéa⁵ carregando os pesos e as doçuras do mundo e outras tantas narradoras.

Lemos imagens da cidade nos contos e crônicas de Machado de Assis (1996) e suas leituras do mundo. Os poemas de Paulo Leminski (1996) e sua cidade-poesia, sua cidade pequena e grande tecida delicadamente em um haicai:

Jardim de minha amiga
todo mundo feliz/
até as formigas.
(LEMINSKI, 1996, p. 73).

⁴ O conceito de *espaçotempo* foi recuperado da obra de Nilda Alves (2003) nos primeiros movimentos de composição do projeto de pesquisa. Discute a autora que espaço e tempo são inseparáveis, compõem-se mutuamente e o modo de assim enunciá-los é uma opção que tenta diminuir as dicotomias que formaram o pensamento e a ciência moderna. Os espaços e tempos da escola têm muito a ensinar.

⁵ Clarice Lispector. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Cada qual com suas tantas e sonhadas cidades. Lemos a cidade e suas nuances: seus becos, seus bichos homens catando comida entre detritos, para lembrar aqui o famoso poema de Manuel Bandeira, escrito em 1947 e que li no ensino fundamental em um livro didático e nunca mais esqueci e ainda declamo para diferentes idades nas comunidades narrativas da sala de aula (GIRARDELLO, 2014).

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.
(BANDEIRA, 1993, p. 201-202)

Lemos imagens da cidade em narrativas de Franklin Cascaes (2015), homem andante e pesquisador da região da Ilha de Santa Catarina, seus narradores, pescadores e suas bruxas encantadas embrenhadas nas florestas e disfarçadas nas cidades. As cidades e suas transformações e adaptações. As cidades e seus povos em conversa, preparando a terra, derrubando e poupando árvores.

O compadre Manuel Pereira subiu o Morro da Lagoa da Conceição da Ilha de Nossa Senhora do Desterro e, com seus filhos, derrubou um pedaço da mata virgem, queimou-a e acoivou o terreno “pra mo’de” plantar rama de mandioca – a mani-oka dos nossos índios. Na face da mata, [pai e filhos] pouparam a vida de uma grande árvore que possuía um grosso cipó enrolado em si, o qual, ao alcançar as ramagens, deixara cair um seio de formato oblongo, que oferecia às vistas humanas um gostoso balanço natural (CASCAES, 2015, p. 43).

Lemos as imagens da cidade em Carlos Drummond de Andrade (2002, 2012) e seus escritos de um tempo que tanto nos ensina sobre nosso agora, porque agora também há pedras, há alegres meninas sendo violadas em flor, corpos, rios e lagoas. Com Carlos Drummond de Andrade aprendi amar as pedras e o mar. E a poesia da cidade grande e das cidadezinhas quaisquer. Aprendi a amar o inóspito e o áspero. Com Carlos Drummond de Andrade aprendi a amar e odiar a cidade e sobre tal ambivalência ainda desejo ter com ele à beira-mar:

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.

Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.

Êta vida besta, meu Deus.
(DRUMMOND, 2002, p. 108)

Quantas cidades cintilam nas canções de Chico Buarque, para citar aqui as tantas cidades citadas no disco de 1998 *As Cidades*, de Chico Buarque: “A cidade não mora mais em mim”⁶. Na poesia inebriante de Maria Bethânia. Lemos a cidade e suas imagens nos discos históricos do Rappa.

Lembro-me de uma vez, estudando e escrevendo crônicas com os estudantes, o desafio era adentrar o videoclipe da canção *A paz que eu não quero*⁷, composto por cenas em preto e branco. E de repente uma confusão. Uma nota de dinheiro no chão. Uma criança na multidão. O desafio era narrar aquele dia ensolarado do protagonista da narrativa em busca da praia com seus amigos. O desafio era vestir a pele e a voz daquele menino e escrever. Crianças descendo o morro para brincar. Como colorir um dia em preto e branco e pintar metáforas outras em uma cidade outra. Cidade em que meninos pretos e pobres não morrem à toa. O Rappa e suas cidades.

A cidade e suas miudezas são narradas nos contos de João Anzanello Carrascoza, com quem me demoro mais adiante.

Alguns acenos de como a cidade e suas imagens são constantemente desenhadas na literatura e na música, para citar apenas duas artes nas quais uma relação peculiar com a palavra escrita narra a poética urbana, humana e desumana. Basta saber ler, escutar ou sentir.

Durante as aulas e para conversar com algumas das cidades citadas nós visitamos a cidade, observamos, lemos. Fotografamos. Geralmente em saídas de observação e estudo, trazendo no bolso leituras realizadas em sala que fala de outros tempos, outras paisagens. Passeios na cidade, passeios no bairro. Na volta de nossas saídas, momentos eram lembrados, fotografias compartilhadas nos celulares ou projetadas em duplas e os estudantes escolhiam cenas e imagens para comentar e que poderiam inspirar novas formas de expressão. Geralmente detalhes pequenos, longe das grandes verdades, mas ainda sim vez ou outra reverberando-as: um busto orgulhoso de guerra, um velho dormindo no banco da praça, outro jogando xadrez ou ainda outro anotando, em seu caderno, uma frase inesquecível ou mais uma conta para pagar com a aposentadoria. Um carro avançando a faixa de pedestres povoada. Os trabalhadores de pé nos ônibus lotados.

O movimento em sala permitia que lupas poéticas ampliassem os efeitos de sentido das imagens e das palavras. Depois, processos de interação, conversas, escritas, compartilhamento no drive do Google, na sala de informática ou mesmo em leituras em sala, reescritas compartilhadas. Reescritas e arremates, mas nunca esgotando os detalhes da língua, mas colocando-os em segundo plano em detrimento ao direito da expressão e da fabulação em relação aos momentos vividos e observados e o que eles nos tinham a dizer.

Por isso, na próxima nota, conto como podemos ler a cidade e suas imagens com nossos estudantes, fazendo do gesto mesmo de sair da escola um movimento educativo e transgressor de leitura e de novas escritas no mapa escolar. O mapa da cidade que invade a sala de aula. Possibilitando um encontro e dança de tempos e espaços, imagens e palavras. Vidas antigas e novas memórias de uma cidade. Com lupas poéticas, como ensina Gaston Bachelard (2008) nas canetas e nos celulares. Lanterninhas de sentido outros, como quer Carlos Drummond de Andrade (2012).

⁶ ASSENTAMENTO. Intérprete: Chico Buarque. Compositor C. Buarque. In: AS CIDADES. Intérprete: Chico Buarque. RCA, 1998. 1 CD, faixa 07.

⁷ A PAZ que eu não quero. Intérprete: O Rappa. Compositor Marcelo Yuka. In: LADOB LADOA, Intérprete: O Rappa. Warner Music Brasil, 1999.

Nota 3: crônicas da cidade

Não é preciso viajar para encontrar novas paisagens
e sim parar e prestar atenção no que está ao seu redor.

O fragmento acima foi escrito por uma estudante de nono ano. Ao estudar e pesquisar com as interfaces entre imagens e palavras, as crônicas são aqui potencialmente lembradas. Nas crônicas figuram a sociedade e suas transformações, suas memórias e sonhos. Como seu próprio nome carrega, as crônicas são engajadas com seu tempo. Nascem no cotidiano dos autores e narradores e se transformam em reflexões, críticas ou poéticas, sobre as relações do homem com o mundo, relações que conectam a vida e o olhar ao simples rés-do-chão, como ensinou Antonio Candido:

[...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza e uma singularidade insuspeitadas. (CANDIDO, 1992, p. 14)

É do rés do chão que também se alimentam as formas poéticas, e ora projetam-se para frente e ora para trás. Para a memória e para o sonho, na dança entre imagens. Nas crônicas, se manifestam vozes e cenas de muitos tempos e espaços.

Por isso, quando lemos as crônicas no cotidiano escolar realizamos um passeio entre imagens e tempos. São miudezas dos cotidianos narrados que nos levam a habitar outros tempos com os autores: somos convidados a conhecer cidades, modos de vida, silêncios. Penetramos na pele da cultura, lendo e escutando as tramas sociais que se desenrolam nos conglomerados urbanos e nas linhas marginais, mas centrais ao olhar transformador da literatura: a vida se torna arte, como ensinou Walter Benjamin (2012).

Imagine, então, leitor, se a grande e velha figueira
pudesse nos contar o que viu, coisas que nenhum arquivo
registrou ou coisas que ninguém estava lá pra ver.

Por exemplo, ao narrar a chegada dos bondes elétricos no Rio de Janeiro dois burros conversam na narrativa ficcional de Machado de Assis (1996). Os bondes também habitam algumas imagens fotográficas da Casa da Memória de Florianópolis, onde acompanhei algumas vezes estudantes para conhecer parte do acervo e do importante trabalho de memória e arquivo que a casa realiza. Lá também os estudantes se espantaram: era uma vez uma cidade que tinha uma praça cercada de grades na qual não podiam entrar pretos e pobres. Limpeza e higienização.



Figura 2: Projeto Crônicas da Cidade/2017 – Fonte: Arquivo docente/ Fotografia autoral de estudante

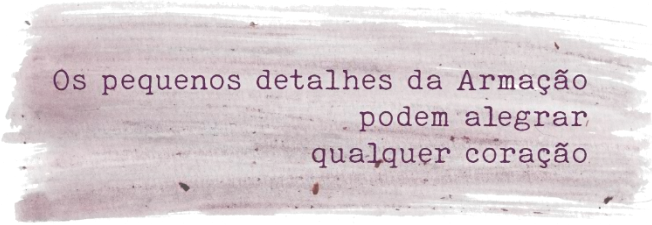
A imagem daquela época, da praça cercada por grades é um dos grandes momentos nas conversas que realizamos com o acervo, mediada pela equipe local. Um arquivo que fala a história e suas vergonhas. Como não se emocionar também com os estudantes e suas fotografias do agora: uma praça dormitório de homens do mundo. Uma praça onde vidas se encontram, se ajudam, se amam. A Escadaria do Rosário que conta tantas histórias de lutas, silêncios e resistência. A Escadaria vive e revive. “Ler para nos lermos”, ensina Dennis Radünz (2009, p. 39) Ler a cidade para nos lermos, quiçá nos entendermos melhor. A cidade-encontro. A cidade-poesia. A cidade-rebeldia.

Com a experiência de autoria e recriação de imagens e escrita de crônicas a partir delas, percebemos e compreendemos, junto com os estudantes, como são tênues as linhas que separam a realidade e a ficção produzidas pelas imagens, indagando ou silenciando as problemáticas existenciais e sociais que circulam nas narrativas no contemporâneo. O poder da palavra compartilhada. A palavra-encontro. A palavra cidade. A palavra poética. A palavra que faz produzir sentidos outros sobre o mundo e sobre nós mesmos. A cidade que quer ser olhada e vivida de outros modos. A cidade que quer ser celebrada desde seus recônditos e silêncios.

Entre crônicas, fotografias, cenas do cotidiano, a cidade e suas imagens se exibem solicitando atenção, uma leitura: escuta. Saber desfilar os fios das memórias que habitam os textos da cultura é um exercício diário, cotidiano, urgente, necessário. Os textos são fios da cultura, nos ensinou Roland Barthes (2004). Com tais fios amarramos o passado, o presente e o futuro das cidades, compondo nelas e com elas outras e novas imagens e reescritas da

história e suas entrelinhas, como sugere a cidade anotada no caderno da imagem, captura realizada por uma estudante em nossas visitas ao centro.

Notas 4: Haicais do entorno

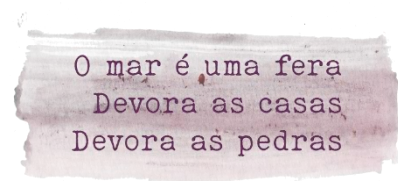


Os pequenos detalhes da Armação
podem alegrar
qualquer coração

Dizem os poetas que os haicais são fotografias do instante. Instantes poéticos não habitam apenas a natureza e seus eventos celebrados nas estações do ano, como contam os manuais de literatura que explicam a origem do poema japonês. Os instantes poéticos que compõem um haikai podem ser lidos não apenas na folha caindo no outono, como também nas ondas do mar e nas aterrorizantes cenas do trânsito insano das cidades, como muitos poetas e narradores de nosso tempo vêm fazendo.

O instante poético defendido por Bachelard (1994) converge e conversa com os processos de leitura pesquisados por Michèle Petit (2019), quando afirma que os pedaços de leitura que lemos na vida alimentam nossa voz, nosso buraco mágico e poético por onde espiamos o mundo. A leitura da palavra e dos mundos pequenos e grandes que ela carrega, como lembramos Paulo Freire (1989). Outras formas de ler o mundo. Outras formas de tecer, então, nossa relação com o mundo e a linha de nossa vida.

Por muitas vezes levei, junto com outras professoras parceiras, estudantes a passearem pelo bairro da Armação do Pântano do Sul em busca de instantes poéticos. A colheita de imagens sempre rendeu boas conversas, devaneios, críticas, criações, metáforas coloridas, alegres e, por vezes cinzas ou da cor inconclusa da poluição dos rios.



O mar é uma fera
Devora as casas
Devora as pedras

Uma vez, na sala de aula, alguns meninos compuseram os versos citados e nunca mais esqueci. Em outros momentos, foi no documentário *Foto Sensível: lembranças da Armação* e suas lindas imagens poéticas que a cidade menor, a cidade de perto, a cidade de bem de perto falou delicadezas e indelicadezas. Lagoas, mares e baleias. Mandiocas e pés de cafés. Moças namoradeiras e olhares graciosos. As ondas do mar que vêm e vão e que celebram a história da Armação. As ondas do mar que vêm e comeram casas e histórias. Ressaca de memórias. Haikai de baleias e mares enfurecidos.

Quando temos imaginação
O limite da criação
É a nossa imaginação.

A metáfora do tempo tão impressa no documentário, porque impressa nos contornos do bairro, é uma imagem poética muito explorada em diversos artefatos da cultura. Lembro-me intensamente de meu professor de literatura inglesa Thomas Bonnici declamando o poema *The tides rides and the tides falls*, do poeta estadunidense Henry Wadsworth Longfellow.

Ainda mais perto, os versos de Maria Bethânia encantam: “A água do mar na beira do cais/ Vai e volta, volta e meia, vem e vai/ A água do mar na beira do cais/ Vai e volta, volta e meia, vem e vai”⁸.

O mar vai
O mar vem
Como a vida de alguém

O movimento do tempo encontra assim sua síntese no movimento das marés. Síntese presente nos haicais, que compõem formas miúdas e intensas de dizer a vida. A imagem poética figura como dispositivo de sonho: dizer o mundo de outro modo. Menos literal. Menos real. Menos óbvio. Menos clarões, como quer Didi-Huberman (2014). Para poder enxergar luzes outras. Escreve Bachelard (2008, p. 11) “o bem-dizer é um elemento do bem-viver. A imagem poética é uma emergência da linguagem, está sempre um pouco acima da linguagem significante”. Permitindo-nos, pois, nos perder em outras formas de sentir e expressar o que nossas lupas flagram no cotidiano silencioso do mundo. Beijar o mundo e a cidade com outras palavras e sonhos. Poetizar a cidade.



Figura 3: Projeto Haicais sensíveis e outros poemas/2014

Fonte: Documentário Foto Sensível: lembranças da Armação/ Instituto Câmara Clara, 2013

⁸ MEMÓRIAS do mar. Intérprete: Maria Bethânia. Compositores: V. Calazans e J. Portugal. In: MAR de Sophia. Intérprete: Maria Bethânia. Biscoito Fino, 2006. 1 CD, Faixa 11.

A cidade e suas imagens figuram nos haicais escrevendo poeticamente o mundo: suas delicadezas e indelicadezas. A linguagem poética serve-se do banquete do mundo para inventar imagens outras à cidade e sua literalidade, sua objetividade e seu pragmatismo. Pedras. Bichos. Uma janela. Quem faz um poema abre uma janela, ensina o poeta Mário Quintana. As imagens poéticas das cidades desenhadas nos poemas são janelas que nos levam a respirar outros ares. Re-parar e respirar.

Com Bachelard (1994, p. 188) entendemos como os instantes poéticos “transportam o ser para fora da duração comum” tocando no lugar necessário, assim como as imagens podem falar ao nosso íntimo e proliferar outras imagens e emoções, permitindo que a vida pungente pulse com mais coração e menos razão.

Nota 5: as cidades de João Anzanello Carrascoza em cenas

*Bia, [...], eu quero, humildemente, te ensinar umas
artes que aprendi, colher a miudeza de cada instante,
como se colhe o arroz nos campos, e, depois, fazer
com ela um banquete.*

João Anzanello Carrascoza,
Caderno de um ausente, p. 31⁹

Entre os passeios pelas cidades e suas histórias, compartilho aqui de alguns encontros encenados na poesia miúda e cotidiana de algumas narrativas de João Anzanello Carrascoza, que me ajudaram a tecer a conversa de narradores em minha pesquisa-inventário. No fragmento acima, um de seus narradores promete ensinar à filha uma tarefa singular: a de aprender na miudeza de um instante para celebrar o sabor da vida que não cabe nas palavras.

Em contos presentes no livro *Aquela água toda* (CARRASCOZA, 2018) temos o exercício de colher miudezas no cotidiano silencioso das cidades, citado pelo autor: uma despedida, uma bola que escapuliu, a areia da praia entre os dedos. Uma soneca inusitada no ônibus. Uma visita ao aeroporto. Uma conta que invade o quintal de mais uma família. A cidade e seus elevadores-agonia. Como não se lembrar da imagem do menino no conto que dá nome ao livro, descendo do ônibus perdido da família e não sentir a água em seus olhos. Escreve Carrascoza (2018, p. 16) “Náufrago, ele se via arrastado pelo instante, intuindo seu desdobramento: se ele não saltasse ali, se perderia na cidade aberta”.

Como não sentir aqui água dos olhos de uma partida, de um desencontro. De uma nova amizade ou de um lanche compartilhado. A cidade encenada na rodoviária, palco de encontros e desencontros no romance *Aos 7 e aos 40*. Uma viagem. Uma vida aberta em descampado.

A poesia de João Anzanello Carrascoza fala de encontros de tempos, memórias, sonhos, vidas, o que justifica sua presença neste inventário que ela mesma ajuda a tecer. Suas cidades me lembram o quanto de vida pulsa nos contornos distantes das grandes luzes e do clarão que cega. A beleza que figura e desfigura a cidade. As águas que tocam o papel e emocionam em sua brevidade e potência, borrando a cidade e suas grandes escrituras.

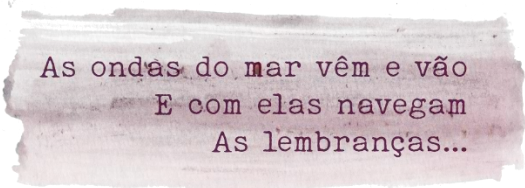
A cidade dos catadores. A cidade de um menino vendedor de capas de chuva. A cidade de um velho trabalhador do mar. A cidade-encontro em *Caleidoscópio de vidas* (CARRASCOZA, 2019). A cidade e seus micro silêncios no livro *O volume do silêncio* (CARRASCOZA, 2017): a subida ao morro para ver a mãe, o caminho de férias à casa da avó. A cidade e suas curvas e estradas em uma viagem de carro com o pai. A cidade assustada com

⁹ Caderno de um ausente. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

a bala perdida. A cidade encenada na televisão na sala. A cidade no caminho mais curto em direção à escola. A cidade cheia de seus silêncios e seus volumes mínimos.

Algumas das narrativas do autor que tive a alegria de ler durante a pesquisa me fizeram compreender o quanto somos humanos ou já fomos ou teremos de ser para suportar o peso da história e suas vergonhas. As delicadezas e as indelicadezas das e nas cidades. Que lugar é esse de habitar e ser habitado pelo outro e seus silêncios em sua deformidade abismal. O outro e seus modos de me olhar. A cidade me olha e me atravessa sorrindo, dançante, a cidade mora na rua e no quintal das avós e seus canteiros de cebolinha, salsa e manjerição. A cidade de humanos e não humanos.

Nota final: ler a cidade como gesto educativo



As ondas do mar vêm e vão
E com elas navegam
As lembranças...

Há algumas décadas Paulo Freire (1989) nos deu lições da importância da leitura de mundo na construção da leitura da palavra. Nas palavras dormem imagens, memórias e sonhos. Portanto, fazer reluzir tais imagens que habitam os textos da cultura e fazê-los conversar com as cidades que habitamos faz renascer em mim cidades outras. As cidades que me habitam. As cidades e suas imagens contadas e cantadas na voz de tantos narradores da cultura brasileira em suas diferentes linguagens. A cidade desejada no movimento de saída da roça e suas amarguras: a cidade e seus desejos. Na cidade desmancham-se identidades e verdades e suas gentes me ensinaram coisas que quis aprender e outras coisas que quero esquecer. As cidades das Antonietas (Romão, 2021) e de tantas outras Marias do Brasil.

Os dois exercícios aqui sucintamente desenhados intentaram sinalizar a relação estabelecida entre textos da cultura e suas imagens em potencial em conversa com o tecido da vida, da cidade, dos bairros e suas quase-verdades, que revisei no processo de composição de um inventário. As cidades que habitam nas palavras.

Se antes ler a cidade era tarefa dos geógrafos, hoje a leitura da cidade se faz presente como uma escolha ética e estética que povoa transversalmente diferentes campos do saber e de pesquisa. A cidade é múltipla. Mulher arredia e livre. A cidade e suas imagens voam com suas vassouras encantadas no céu das intenções educativas em nosso século tão cheio de informações, dispositivos, imagens, redes virtuais de afetos e desafetos, vergonhas sem fronteiras. Vidas desconectadas da cidade.



Figura 3: Projeto Crônicas da cidade/2017 – Fonte: Arquivo docente/ Composição autoral de estudante

No nosso tempo, intensamente, os objetos da cultura estão sendo ressignificados no digital, produzindo adaptações e hibridizações de gêneros em diferentes semioses, exigindo estratégias de leitura que façam falar as camadas de memórias que habitam cada gesto de escrita composta entre sons, imagens, palavras, formas, como vem estudando Martín-Barbero (2014).

Wladimir Garcia (2009, p. 162) nos ajuda a compreender o quanto a cidade ensina: “[...] as margens da cidade continuam a nos atrair. Suas imagens ajudam a constituir os modos de ser do sujeito possível, aquele que carrega todos os becos no olhar, que move a cidade consigo”.

Ora atraímos. Ora repelimos. Ora encantados. Ora espantados. As imagens das cidades povoam os currículos escolares, nossas vidas, nossos desejos mais secretos. A cidade e suas imagens nos convidam para dançar diariamente no caminho para o trabalho ou aula. No trânsito. Na praça. Na escuta de um canto de sabiá na cidade pós-metrópole que não apenas desenha uma cena inusitada como beija a imagem de cidade-campo adormecida de nosso Brasil rural. Os sabiás cantam suas emoções sexuais nas horas mais infames que a cidade quer dormir¹⁰.

O telefone pendeu de tantas histórias de amor.

A cidade e suas imagens pedem tempo e espaço no cotidiano escolar e suas notas desafinadas. As cidades e suas imagens querem ensinar que o mundo pode ser outro. Que há poesia nas pequenas coisas e cotidianos. E que as grafias de uma vida podem escrever outras histórias na cidade sensível. Que a cidade é prenhe de memórias e a cidade inscreve em nosso corpo outras memórias.

E com a imagem de meu arquivo docente, composição digital de uma estudante de 2017, finalizo o passeio entre cidades e suas imagens, que aqui encenam encontros e afetos de um inventário particular de uma professora que sonha em uma cidade do Brasil.

¹⁰ O pesquisador Sandro Von Matter, estudou a mudança de hábitos sexuais do sabiá na cidade de São Paulo/SP que, confuso com os clarões e sons do trânsito da cidade, passou a cantar no meio da madrugada atrapalhando o sono “tranquilo” dos paulistanos, conforme conta o texto disponível em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/a-incrivel-insonia-do-sabia-laranjeira/>.

Referências

- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, p. 62-74, maio/ago. 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782003000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 27 mar. 2018.
- ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. *Contos plausíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ASSIS, Machado de. *A semana: crônicas (1892-1893)*. GLEDSON, J. (Org.). São Paulo: Hucitec, 1996.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BANDEIRA, Manuel. O bicho. *Estrela da vida inteira*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal: os gêneros do discurso*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. L. Perrone-Moisés. 11. ed. São Paulo: 2004.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240.
- CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, A. et al. *Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.
- CASCAES, F. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2015.
- CARRASCOZA, João Anzanello. *O volume do silêncio*. São Paulo: Sesi SP Editora, 2017.
- CARRASCOZA, João Anzanello. *Aquela água toda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- CARRASCOZA, João Anzanello. *Caleidoscópio de vidas*. São Paulo: FTD, 2019.
- FOTO sensível: lembranças da Armação. Direção: Daniel Choma e Tati Costa. Produção: Tati Costa. Florianópolis: Câmara Clara; Instituto de Memória e Imagem, 2013. 1 Filme (26 min), streaming, son., color. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=9lwDglKDQYw>.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. V. C. Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GARCIA, Wladimir Antônio da Costa. Cidade: pós-metrópole. *Revista Outra Travessia*, Ilha de Santa Catarina, n. 8, p. 153-164, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/17077>. Acesso em: 24 abr. 2019.

GIRARDELLO, Gilka. *Uma clareira no bosque: contar histórias na escola*. Campinas: Papirus, 2014.

LEMINSKI, Paulo. *O ex-estranho*. RUIZ, A.; LEMINSKI, A. (Org.). São Paulo: Iluminuras, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Comunicação na educação*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

PETIT, Michèle. *Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. Trad. J. Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

RADÜNZ, Dennis. *Cidades marinhas: solidões moradas*. Florianópolis: Lábias, 2009.

ROMÃO, Jeruse. *Antonieta de Barros: professora, escritora, jornalista, primeira deputada catarinense e negra do Brasil*. Florianópolis: Editora Cais, 2021.

Sobre a autora

Cristiane Guimarães é Mãe do João, da Melissa e da Flora. Professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Florianópolis. Doutora em Educação, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Educação de Florianópolis. Pesquisa com o Coletivo Tecendo/UFSC as relações entre memória, cotidiano e poesia e as práticas de leitura e escrita.

E-mail: turmasdacris@gmail.com.